CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DO PROCESSO DE INVISIBILIZAÇÃO DO CAMPESINATO

Munir Jorge Felício, Bianca Aparecida dos Santos

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, curso de Comunicação Social – Jornalismo, Presidente Prudente, SP. E-mail: munir@unoeste.br

RESUMO

Este trabalho tem como proposta ampliar a compreensão a respeito da invisibilização do campesinato na Região do Pontal do Paranapanema nos veículos de comunicação de Presidente Prudente (SP), trazendo algumas análises sobre a influência exercida pela mídia no processo de invisibilização do campesinato. Demonstrando que ao contrário do que ela tenta expor aos seus receptores o campesinato não desapareceu. Ele luta para que a sua cultura, tradição e identidade não sejam tão afetadas com a ação do capital; criando formas de resistência. Com essas reações o campesinato procura resgatar sua cultura, colocando-a defronte à ideologia do capital, para que essa não se sobreponha sobre aquela.

Palavras-chave: Jornalismo. Comunicação. Campesinato. Mídia. Invisibilização.

CONTRIBUTIONS TO THE CASE STUDY PEASANTRY INVISIBILIZATION

ABSTRACT

This work has the purpose to increase understanding about the invisibility of the peasantry in the Pontal do Paranapanema region in Presidente Prudente communication vehicles (SP), bringing some analysis on the influence exerted by the media in invisibility process of the peasantry. Demonstrating that contrary to what she tries to expose to its receptors the peasantry has not disappeared. He fights for its culture, tradition and identity are not as affected with the action of capital; creating forms of resistance. With these reactions the peasantry seeks to rescue their culture, putting it in front of the capital's ideology, so that this does not overlap on that.

Keywords: Journalism. Communication. Peasantry. Media. Invisibility.

INTRODUÇÃO

Para entender a realidade agrária que está em desenvolvimento na Região do Pontal do Paranapanema do estado de São Paulo é preciso fazer uma breve contextualização e compreender que ela é produto e processo dos avanços do capital. Dentre as suas nuances se destaca a questão agrária que se constitui no relacionamento entre o capital e o campesinato, termo usado para designar três grandes grupos presentes na região, são eles: os pequenos produtores, os trabalhadores rurais e os que lutam pela terra. Tratando-se também das transformações nas relações de produção na agricultura por definir como se produz, de que forma se produz e para quem se produz, gerando intensa interferência no desenvolvimento territorial.

As novas configurações e novos protagonistas presentes nesta realidade agrária e agrícola confirmam o modelo econômico de concentração das terras e centralização da renda e da riqueza tanto no campo, quanto na cidade. Neste sentido, a questão agrária do século XXI possui particularidades e especificidades que exigem estudos e pesquisas para poder conhecê-la e explicá-la. (FELÍCIO, 2009, p.2).

Para essa pesquisa a questão agrária consiste no elemento estrutural engendrado pelo modo de produção capitalista. Ela é constantemente impulsionada pelo avanço do capital na agricultura como entende Karl Kaustky em sua obra “A Questão Agrária”. Para ele a Revolução Industrial proporcionou o desenvolvimento da tecnologia cujos produtos atingiram o campo e, paulatinamente, suplantou o modo de produção feudal. Inicia então a luta de classes entre o proletariado assalariado e os capitalistas, bem como, os embates do campesinato com os donos do capital.

O processo de invisibilização do campesinato teve seu início na sociedade feudal e se fortaleceu com a chegada do capitalismo. Seu ápice aconteceu durante a revolução industrial onde o campesinato migrou do campo para a cidade quando sofre um processo de proletarianização. Para analisar a questão agrária na Região do Pontal do Paranapanema não pode faltar a investigação sobre o avanço do capital, como as estratégias do campesinato que procura se recriar para poder existir. Verifica-se, portanto, a enorme importância sobre o papel midiático tanto para ampliar a ideologia do capital, quanto para invisibilizar o campesinato. Proporciona, por isso, ampliar a compreensão de como se desenvolve a engrenagem midiática, como compreende diversos autores, como, por exemplo, Juan Dias Bordenave (2006) com as características da comunicação; Clóvis Rossi (1994) que enxerga no jornalismo a conquista de corações e mentes e Ciro Marcondes Filho (1989) e as formas de manipulação jornalística.

De acordo com Bordenave (2006) a comunicação possui suas particularidades e variantes que ela assume em alguns instantes ao longo do tempo. A carência de um determinado povo irá decidir o nível de comunicação que ele possui, percebendo-se assim que a comunicação é o resultado do meio social em que o ser humano está fixado. Quando uma pessoa se comunica com a outra as mensagens trocadas entre elas fazem com que suas realidades se transformem, tanto para o emissor, quanto para o receptor, essas formas de manipulação de linguagem mostram duas realidades: a objetiva e a que foi modificada pelo discurso. E é por intermédio de códigos mais elaborados em conjunto com signos que o ser humano mudou seu jeito de se comunicar, como explica:

Uma técnica de manipulação de linguagem amplamente utilizada por governos e instituições é o emprego de eufemismos, isto é, expressões que, sem alterar o significado, dissimulam melhor realidades desagradáveis ou desfavoráveis, que poderiam ser conotadas. (BORDENAVE, 2006, p. 88).

Para entender as engrenagens da cultura midiática Rossi (1994) argumenta que as mentes e os corações do público são atraídos pelos veículos de comunicação através da palavra e que a subjetividade do jornalista estará sempre presente nas notícias, uma vez que cada um tem seus valores e ressalta que esta é a causa da falta de objetividade no jornalismo.

É realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem, diante da notícia, como profissionais assépticos, ou como a objetiva de uma máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato neles provocou. (ROSSI, 1994, p.10).

Há ainda quem acredite que os jornais são iguais a pontas de icebergs, como é o caso de Marcondes Filhos (1989), os jornais em seu nível externo representariam a democracia formal, onde todos seriam iguais, porém, escondem no fundo o poder político que os sustentam e que é diferente de veículo para veículo. A notícia passou a ser mercadoria e apelativa segundo Marcondes Filho (1989, p.13) “A notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos e sensacionais”.

Conforme essa compreensão a notícia gera no receptor o não envolvimento dele com questões que podem interferir de modo efetivo em sua vida, tais como a política ou a economia, ligadas diretamente ao processo de trabalho do capitalismo. Por exemplo, as notícias voltadas para a reforma agrária cria no leitor certo desconforto, pois a mídia transforma aqueles que lutam pela terra em pessoas marginalizadas. De acordo com Marcondes Filho (1989), o tratamento que a notícia recebe antes de chegar ao receptor é conhecido como manipulação jornalística, pois existe

uma linha tênue entre o acontecimento de um fato social, a ocorrência objetiva e o modo de apresentação ao público.

É nessa altura que se opera a adaptação ideológica, a estruturação da informação com fins de valorização e de interesse de classe. O falseamento não se dá via de regra, de forma intencional; ao contrário, normalmente ele faz parte da própria forma do jornalista estruturar seu mundo, de discernir os fatos (inconsciente) com uma “visão dominante”. O patrão, o orientador ideológico da empresa jornalística não estabelece “regras de redação” para que as notícias que entram como fatos puros, saiam como informações enviesadas. (MARCONDES FILHO, 1989, p.39).

O jornalista tem o papel de retirar da realidade o que mais lhe interessa e pode vir a interessar os seus leitores, a partir da realidade é extraída somente a parte aproveitável para as publicações, segundo os objetivos do veículo. Mas está nas mãos do editor o foco da matéria, desde a sua definição política de como deverá repercutir o fato na sociedade e de como transformar um acontecimento pequeno em um escândalo. Como é o caso, por exemplo, da abordagem da mídia em relação às manifestações do Movimento Sem Terra na Região do Pontal do Paranapanema. Marcondes Filho (1989) defende que o editor decide o que aumentar, reduzir e suprimir dos fatos, sendo considerado como transformador da realidade social quando diz respeito à seu veículo noticioso e às convicções ideológicas e políticas que defende. Visando sempre trabalhar com a opinião pública e moldá-la de acordo com as suas intenções.

O objetivo desta pesquisa implica discutir o processo de invisibilização midiática do campesinato como parte do avanço da questão agrária no Pontal do Paranapanema.

MÉTODOS E ANÁLISES

Por ter como uma das metodologias a pesquisa bibliográfica, foram reunidos diversos autores pela importância de suas contribuições para compreender a realidade do campesinato como, por exemplo, José de Souza Martins (1981); José Graziano Silva (1981); Ricardo Abramovay (1992); Munir Jorge Felício (2009) e Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (1998) – com suas compreensões distintas sobre o desenvolvimento territorial e a resistência do campesinato na sociedade. Martins (1981) demonstra as relações capitalistas de produção com a unificação das figuras do proprietário e a do capitalista. Graziano Silva (1981) aponta o camponês como subordinado ao capital. Abramovay (1992) acredita que o agricultor familiar é um personagem totalmente diferente do camponês tradicional, e ao assumir essa nova condição reforça ainda mais o desaparecimento do campesinato. Felício (2009) declara que realidade agrária atual confirma o modelo econômico de concentração das terras. Ferreira (1998) considera a

modernização da agricultura como o marco das transformações no Brasil. Para compreender o processo de desenvolvimento dos veículos de comunicação alguns autores foram imprescindíveis como, por exemplo, Bordenave (2006); Rossi (1994) e Marcondes Filho (1989). Foi utilizada também como fonte de análise veículos de comunicação impresso e online na busca por assuntos relacionados com o campesinato na região do Pontal do Paranapanema.

RESULTADO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que a mídia do Pontal do Paranapanema tenta expor aos seus receptores o campesinato não se extinguiu, eles lutam para que a sua cultura, tradição e identidade não sejam tão afetadas com a ação do capital, inclusive pela mídia, criando formas de resistência a isso eles tentam resgatar a cultura camponesa para que a ideologia do capitalismo não se torne soberana. Procuram ainda construir o seu território imaterial, com os valores e a identidade cultural do campesinato passados de geração em geração para defender a sua importância dentro da sociedade capitalista, ajudando a desenvolver o Paradigma da Questão Agrária, onde estuda justamente o fato de que a questão agrária é um problema estrutural do capitalismo que se desenvolve com as concentrações de terra.

A relevância do tema desenvolvido para a Faculdade de Comunicação Social - Jornalismo é de trazer contribuições e verificar qual o comportamento da mídia diante da hipótese segundo a qual o futuro o campesinato será extinto caso não ocorra sua integração como agricultor familiar ao sistema capitalista. Por possuir credibilidade junto a população, a mídia seleciona assuntos, na maioria das vezes, elege aqueles não relacionados a resistência do campesinato na atualidade, ou no melhor dos casos quando cedem um espaço, acaba sendo pequeno para não evidenciar o camponês, invisibilizando-o mais uma vez.

Importante lembrar que dentro de um veículo de comunicação o jornalista tem o dever de averiguar as informações e aprofundá-las antes de repassá-las à população para possibilitar a formação de opinião pública sem a influência de terceiros e de não gerar uma posição passiva da população diante dos fatos. Porém o que fazer quando não se noticia algo por influência de uma força maior? Força que defende interesses financeiros? Visto que os meios de comunicação possuem grande influência dentro da sociedade através dos recursos manipuladores para obedecer a intenções de empresas privadas que financiam a mídia. Percebe-se que o público não assimila corretamente as notícias na sua essência, pois o que a mídia busca é padronizar a subjetividade dos seus expectadores, mesmo que cada ser humano tem em si a sua própria

produção de sentidos, e é através da comunicação social que a produção de sentidos se torna extensão do ser humano.

No caso da região do Pontal do Paranapanema a mídia invisibiliza o campesinato para não garantir a sua visibilidade e importância frente à sociedade. Com a manipulação da informação ela distorce a realidade agrária do Oeste do Estado de São Paulo e retira o foco daqueles que buscam e reivindicam os seus direitos pelo trabalho e pela terra, atendendo somente os interesses daqueles que possuem o capital. Desmistificando a ideia de que a mídia é um espaço democrático construído por todas as classes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão** São Paulo: Hucitec, 1992.

BORDENAVE, Juan Dias. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FELICIO, Munir Jorge. **Apontamentos para ampliar a compreensão da questão agrária do século XXI. Revista Terra Livre**. Presidente Prudente, ano 2, edição 3, p 1-11, maio. 2009.

FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **O mundo rural sob o ponto de vista geográfico: a trajetória da Geografia Agrária brasileira da década de 30 à de 90**. Tese (Doutorado em Organização do Espaço). Rio Claro: IGCE-Cp. de Rio Claro UNESP, 389 p.,1998.

KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária**. Nova cultural, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza**. 2. ed. São Paulo: Ática,1989.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petropolis: Vozes, 1981.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SILVA, José Graziano. **A modernização dolorosa Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**, São Paulo: Zahar, 1981.